


**O Jornal
Económico**

Universidades

www.jornaleconomico.pt

Boletim de informação académica



Cristina Bernardo

INOVAÇÃO
Amílcar Falcão, Reitor da UC, diz que a estratégia não pode esquecer a coesão territorial
EMPREENDEDORISMO
Projeto de digitalização dos menus de restaurantes vence Poliemprende

Concurso alavanca criação de negócios inovadores como o do IPSetúbal, na área da IA. Da UMadeira veio a ideia de aproveitar todas as matérias primas da bananeira. ■ P2

ENTREVISTA
Elvira Fortunato: “Propomos um simplex para a ciência e para o país”

Elvira Fortunato
Vice-Reitora da NOVA

Para a Vice-Reitora da Universidade Nova de Lisboa, o PRR é não só uma oportunidade para a ciência em Portugal, mas também para simplificar a burocracia. ■ P4

PROGRAMA
Data Challenge tem 75 mil euros em prémios para distribuir

Programa tem seis parceiros empresariais que colocam 20 desafios em seis áreas. Objetivo é promover soluções para gestão, valorização e segurança de dados da indústria. ■ P8

BOLSAS SANTANDER TECNOLOGIA DIGITAL BUSINESS DEVELOPMENT

Técnico+ lança formação que ensina a fazer negócios digitais

Curso destina-se a pessoas que querem conhecer e praticar as principais tecnologias e metodologias de desenvolvimento de negócios digitais. Candidaturas a bolsas até 17 de dezembro.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Quer aprender a desenvolver um novo modelo de negócio baseado num produto ou serviço digital? A formação em Digital Business Development pode ser uma boa ferramenta. Tem a chancela do Técnico+, unidade de formação avançada do prestigiado Instituto Superior Técnico, e o apoio do Santander Universidades, através das Bolsas Santander Tech Digital Business Development by Técnico+ – Formação Avançada. As candidaturas já abriram e decorrem até 17 de dezembro, na plataforma do banco dedicada às bolsas.

O curso decorre online, com aulas síncronas e está aberto a pessoas de qualquer formação de base. “Destina-se a todas as pessoas que pretendam conhecer e praticar as principais tecnologias e metodologias de desenvolvimento de negócios digitais”, revela Miguel Mira da Silva, professor de Sistemas de Informação do Técnico, responsável pela Unidade de Investigação de Transferência Digital INOV INESC Inovação e coordenador do programa, ao JE Universidades.

Garantido está o aumento de conhecimentos quer ao nível das tecnologias, quer ao nível do desenvolvimento de negócios digitais. “No final do MOOC, os par-

ticipantes vão perceber o papel que a experiência do cliente, a gestão de operações digitais, e os modelos de negócio têm na transformação digital de uma organização”, adianta Mira da Silva. O módulo Digital Technologies cobre as principais tecnologias para desenvolver novos modelos de negócios digitais, incluindo websites, aplicações móveis, vídeos, anúncios nas redes sociais, e análise de dados. O módulo Business Development foca-se nas metodologias, incluindo Remote Collaboration, Agile Management, Design Thinking, Business Model Canvas e Lean Startup. O projecto de grupo inclui a realização de um

projeto para desenvolver um protótipo de negócio digital.

Num mundo que fala tecnologia, é preciso não só aprender, mas também aprender a fazer. Pedro Amaral, vice-presidente do Técnico, explica ao JE Universidades que o Técnico+ contribuirá para “a criação de cursos e programas de especialização que permitem a qualificação e requalificação de um conjunto muito significativo de profissionais no ativo”. Funciona também como “ferramenta estratégica na transferência de conhecimento para aqueles que procuram um novo desafio profissional. A oferta do Técnico+ cobre os setores de maior impacto na economia. ■

OPINIÃO

Um contributo para a igualdade de oportunidades



Cristina Dias Neves
Diretora
do Santander Universidades
Portugal

O combate às desigualdades no mundo e a luta pela igualdade de oportunidades tem sido um fator de união de Estados e comunidades que se desdobram em diferentes formas de as enfrentar. Faz já 25 anos que o Banco Santander escolheu, através do Santander Universidades, enfrentar este desafio através do apoio a Educação: estamos a fazer a nossa parte e não é pouco.

A semana que passou foi particularmente especial para os jovens portugueses. Quase 50 000 inscreveram-se pela primeira vez no Ensino Superior, dando assim um passo definitivo nas suas vidas. Ao entrarem na Universidade, mais do que elevar as probabilidades de ter uma vida melhor, com mais recursos e mais oportunidades, irão entrar num outro nível de aprendizagem, que procura novas interpretações do mundo, recriando-se perante novos factos, novas verdades.

Daqui a mais uns anos, vão fazer certamente outras escolhas, mas uma coisa é certa, a Universidade, a experiência do conhecimento científico cartesiano, analítico, sistemático irá despertá-los para uma dimensão da vida a que, de outra forma, dificilmente se iriam aperceber.

Fernando Pessoa (aliás o seu pseudónimo Álvaro de Campos) – recordou o Cardeal Tolentino de Mendonça quando recebeu o Prémio Universidade de Coimbra – disse que o Binómio de Newton era tão belo como a Vénus de Milo. É verdade – diz Tolentino no inolvidável discurso de aceitação deste Prémio que o Santander Universidade tanto se orgulha de apoiar – que ambos são um documento humano, uma hipótese de pensamento erguida contra a ignorância e a barbárie.

O Santander Universidades orgulha-se em contribuir para que todos os anos milhares de

jovens frequentem a Universidade através de bolsas de estudo, mas também através do seu contributo para a participação destes jovens em inúmeros programas de empreendedorismo e empregabilidade que os vão motivar e integrar com mais segurança na vida profissional.

A transformação digital de toda a sociedade, colocou às Universidades e Politécnicos um desafio enorme pela frente. Infraestruturas do conhecimento, deverão ser parte integrante da mudança, não só através da integração desta transformação nas atividades académicas, como também enquanto estruturas centrais para a sua disseminação, interpretando-o e executando-a. A crise pandémica veio acelerar todo este processo – e parece-nos a nós acertado dizer que a resposta por parte do Ensino Superior tem estado à altura.

Um dos muitos avanços foi precisamente o reforço da criação de uma oferta académica de base digital dirigida a todos aqueles profissionais que, face a estas novas realidades, sentem a necessidade de se recriar, reciclando os seus conhecimentos, adaptando-os a estas novas realidades tecnológicas.

É nesse sentido, que o Santander Universidades lança agora com o Técnico+ a unidade de formação avançada do Instituto Superior Técnico, as bolsas Santander Tecnologia Digital Business Development, que resultam de uma vontade de alastrar a dúvida metódica própria do conhecimento científico a todo o nosso percurso profissional e extrair daí novas oportunidades para todos aqueles que acreditam que a aprendizagem nunca tem fim.

O antes enunciado é uma parte da nossa parte. É oferecer todas estas possibilidades a portugueses, não só jovens, não só estudantes, de alcançarem – através da educação – os seus sonhos e objetivos concretos. É criar caminhos e condições económicas para que possam seguir vida fora com capacidade de adaptação a tempos imprevisíveis, acumulando novos saberes e, com sorte, podermos todos beneficiar da sua partilha de conhecimentos. Santander Universidades é isto. ■

O autor escreve segundo a antiga ortografia.

POLIEMPREENDE NACIONAL 2021

Vamos digitalizar os menus e aproveitar toda a bananeira

Vencedor do 17.º Poliemprende é uma solução na área da inteligência artificial para a restauração, nascida no IPSetúbal. Projeto Palmito Atlântico, da Universidade da Madeira conquista o segundo lugar.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Para João Santos e Guilherme Tavares, o Poliemprende 2021 não podia ter corrido melhor. Conquistaram o primeiro lugar na final nacional e os 10 mil euros do prémio atribuído pelo Santander Universidades. O cheque que levantaram em Santarém permitiu-lhes avançar mais rapidamente na implementação do Menu.AI, o projeto na área da Inteligência Artificial que quer revolucionar a digitalização dos restaurantes.

“Iremos aumentar o nosso poder de processamento, abrir a empresa e começar a aumentar a equipa”, revela João Santos ao JE Universidades. O jovem de 24 anos, diplomado e docente na Escola Superior de Tecnologia de Setúbal, partilha com Guilherme Tavares, da mesma idade, licenciado em Gestão de Marketing pelo ISCTE-IUL a tirar um mestrado em Gestão de Clientes na Nova SBE, a paternidade do Menu.AI. Trata-se de uma ferramenta capaz de, “através de uma simples foto do menu, extrair toda a informação de texto, tornando mais fácil a integração nas diversas plataformas online disponíveis”. Atualmente, é necessário “inserir todos os produtos manualmente ou usar um template Excel específico, o que torna o processo muito complicado e moroso”.

Esta solução, nascida no Politécnico de Setúbal, destina-se à restauração em geral, mas será inestimável em plataformas como a Trip Advisor, Zomato, Glovo, Uber Eats, dado as economias de tempo e dinheiro que permite. “Fazendo a matemática do tempo aproximado perdido, chegámos à conclusão que anualmente, gasta-se em Portugal 80 anos de mão de

obra a digitalizar os menus dos restaurantes e no mundo, 10 mil anos”. Esta vitória representa para os jovens, além do prémio, a validação do potencial do projeto e do serviço a ele associado. “Acima de tudo, representa o culminar de meses e meses de trabalho para desenvolver uma tecnologia e um plano de negócios sólido e capaz de nos garantir competitividade”.

O passo seguinte do projeto será, segundo João Santos, entrar em contacto com os clientes que estão em lista de espera e começar a escolher aqueles que irão entrar no processo de co-criação do serviço. A inovação também está patente neste aspeto.



João Petito
Estudante do Curso Técnico Superior Profissional (CTeSP) em Cozinha e Produção Alimentar da Universidade da Madeira



Pedro Dominginhos
Presidente do Instituto Politécnico de Setúbal

O Palmito da UMadeira

A final da 17.ª edição do Concurso Nacional Poliemprende abarcou dois anos de competição, 2020 e 2021, juntando no Politécnico de Santarém, em 16 de setembro, mais de uma centena de alunos, investigadores e docentes de todo o país. Entre eles, deu nas vistas João Petito e a sua ideia do Palmito do Atlântico.

O aluno do Curso Técnico Superior Profissional (CTSP) em Cozinha e Produção Alimentar na Escola Técnico-Profissional da Universidade da Madeira ofereceu-nos um olhar fora da caixa sobre um dos cultivos mais importantes da região: as bananeiras. Após a colheita do cacho, apenas são utilizadas para adubar os solos, o que, segundo Petito, abre um mundo de possibilidades.

Palmito do Atlântico, assim se designa o projeto, nasceu no âmbito da disciplina de Princípios de Organização e Gestão e aponta para o aproveitamento de toda a matéria-prima da bananeira, das fibras às folhas, além do palmito, que pode ser aproveitado para conserva, por forma a evitar desperdícios. Outros exemplo? “Através das fibras podemos produzir embalagens biodegradáveis, uma linha de produtos de souvenirs”, adianta. E com as sobras de matérias-primas, acrescenta, é possível criar “um composto biodegradável que irá alimentar os solos, fazendo com que a qualidade da produção de banana não seja alterada”. João Petito, que desenvolveu o projeto com Maria Catarina, também aluna da Universidade da Madeira, mas de Psicologia, diz ainda que o projeto prevê a introdução de uma linha de alimentos saudáveis, “com vários benefícios para a saúde”.

O prémio de cinco mil euros correspondente ao segundo lugar “vai ajudar” os jovens nas análises e patentes.



Cristina Bernardo

A cadeira do conforto

Diogo Alves, João Monteiro e Miguel Alves, uma troika de licenciados em Tecnologia Biomédica, pela ESTSetúbal/IPS, recebeu o 3º prémio do Poliempreende (2020). “A increaS é uma startup tecnológica que tem como objetivo fornecer aos objetos uma capacidade “smart”, para que possam desempenhar um papel ativo na vida das pessoas”, dizem ao JE Universidades. A solução, explicam, “passa por desenvolver circuitos “invisíveis” que se colocam em objetos do quotidiano, sem que estes necessitem de estar diretamente colocados no corpo do utilizador”.

A SmarChair é um exemplo de um circuito invisível, desenvolvido pela increaS. Tem a capacidade de ser aplicado a qualquer cadeira de escritório, monitoriza a postura e a atividade eletrocardiográfica do utilizador, de “uma forma inovadora, em tempo real” e permite “avaliar métricas importantes relacionadas com a fadiga, o bem-estar e a produtividade”.

Num todo, adiantam os jovens, a SmarChair, foi desenhada de forma a fornecer as ferramentas para os departamentos de higiene e segurança do trabalho. Os passos seguintes são encontrar empresas para testar a primeira versão da

SmarChair e, mais tarde, fazê-la entrar no mercado. Depois disso, esperam, virá a internacionalização.

O Politécnico de Setúbal subiu duas vezes ao pódio deste 17.º Poliempreende, colhendo os frutos da aposta que tem vindo a fazer no empreendedorismo. O seu presidente, Pedro Dominginhos, assinala ao JE Universidades “o reconhecimento da estratégia na promoção de uma cultura empreendedora e de apoio à criação de empresas”. Conta agora com mais um trunfo para atrair estudantes para esta dinâmica. ■

OPINIÃO

Inovação: bipolarização ou coesão territorial?



Amílcar Falcão
Reitor
da Universidade de Coimbra

Num momento em que todas as atenções estão direcionadas para o Plano de Recuperação e Resiliência, nomeadamente no que respeita às Agendas Mobilizadoras que visam alavancar a economia nacional através da incorporação de inovação no tecido produtivo, potenciando ainda mais a internacionalização e a criação de empregos qualificados, torna-se premente garantir um eficiente envolvimento das Instituições de Ensino Superior (IES).

De facto, fruto de múltiplos investimentos do passado, muitas das IES encontram-se preparadas para dar uma resposta proactiva à necessidade de inovação por parte das empresas, muitas vezes através da presença de gabinetes de transferência de tecnologia, incubadoras ou aceleradoras de empresas. Estas ferramentas permitem diminuir a distância entre as empresas e a inovação desenvolvida pelos investigadores afetos às diferentes IES.

No entanto, diversos desafios ainda persistem, muitos deles de fácil solução, desde que haja vontade política para tal. Um dos que mais poderá potenciar a aceleração da incorporação de inovação no tecido produtivo das diferentes regiões, é a presença de representações da Agência Nacional de Inovação (ANI) nas regiões NUTS II, expandindo a sua presença para além de Lisboa e Porto.

A presença destes gabinetes especializados direcionados à inovação e transferência de tecnologia entre as IES, Centros de Interface Tecnológica e Laboratórios Colaborativos e os sectores produtivos das diferentes regiões, devidamente adaptados às diferenças que cada uma apresenta, poderá potenciar ainda mais uma eficiente gestão de fundos como o PRR ou PT2030.

Paralelamente, o reforço da capacidade dos gabinetes de transferência de tecnologia das IES em articulação próxima e direta com a ANI, permitiria alavancar a capacidade de desenvolver investigação e inovação para desafios concretos das empresas, quer através da capacitação de recursos humanos altamente qualificados, quer através do apoio a IES que não dispõem de uma oferta estruturada deste tipo de gabinetes.

Para tal, será essencial que a visão estratégica não deixe de lado a tão necessária coesão territorial, criando estes gabinetes capazes de promover um desenvolvimento consistente e uniforme, diminuindo discrepâncias dentro ou entre regiões, estimulando de forma homogénea o desenvolvimento económico do país como um todo.

Em Coimbra, acreditamos que estas são a visão e estratégia corretas para o nosso país. O top 10 mundial entre incubadoras de base universitária obtido pela Incubadora do Instituto Pedro Nunes (Coimbra), expoente máximo do reconhecimento internacional nesta área, é um exemplo claro de como o apoio à presença de incubadoras especializadas de base tecnológica a nível regional pode promover uma especialização inteligente dos territórios onde se encontram instaladas.

Ao mesmo tempo, acreditamos na partilha de boas práticas. Para isso, só o envolvimento em projetos com outros gabinetes de transferência de tecnologia de diferentes IES nacionais, permite um relacionamento saudável entre todos, com ganhos de produtividade. Prova disso, é a liderança da estratégia dos projetos InovC, iniciada em 2011, continuada em 2016 com o InovC2020, encontrando-se em curso o InovC+. Um projeto que envolve todas as Universidades, Institutos Politécnicos e Centros de Interface Tecnológicos da NUTS II, permitirá a partilha de boas práticas na transferência de tecnologia, numa ação de proximidade visando o desenvolvimento do território.

Assim, acredito que este é o caminho para um desenvolvimento nacional coerente, apoiado na proximidade e disponibilidade das instituições e sectores económicos. ■

ENTREVISTA | **ELVIRA FORTUNATO** | Vice-Reitora da Universidade NOVA de Lisboa

“Propomos um simplex para a ciência e para o País”

Elvira Fortunato desenhou a seis mãos uma proposta entregue ao ministro Manuel Heitor com soluções para simplificação da contratação pública. A cientista diz que o PRR é não só uma oportunidade para a ciência em Portugal, mas também para que se simplifique a burocracia.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

É uma das cientistas portuguesas mais conhecidas no país e lá fora. Pioneira na investigação europeia sobre eletrónica transparente, demonstrou que os materiais à base de óxidos metálicos podem ser usados como verdadeiros semicondutores. A seguir, também com o marido, o cientista Rodrigo Martins demonstrou a possibilidade de fazer o primeiro transistor de papel e iniciou um novo campo na área de eletrónica de papel. Professora catedrática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa, Elvira Fortunato é Vice-Reitora da NOVA para a área de investigação e coordenadora do Instituto de Nanoestruturas, Nanomodulação e Nanofabricação.

“Temos de pensar grande e atrevermo-nos sem complexos”. Estas palavras ditas numa entrevista a Miguel Sousa Tavares, funcionam como a sua bússola?
É verdade. Partilho muito dessa visão em tudo o que faço e também no meu papel de professora, tento inculcar e transmitir isso aos alunos que por mim têm passado.

Com o seu marido, o cientista Rodrigo Martins, foi pioneira da eletrónica transparente. Mais tarde inventaram o transistor de papel. Qual o segredo destas invenções?
Não há segredo... o segredo é muito trabalho e espírito criativo. Muito trabalho aliado a uma grande paixão por aquilo que fazemos e tentarmos imaginar o futuro. Esta nossa vida de investigadores, acaba por ter uma continuação em casa, como de um assunto de família se tratasse, pois somos dois a pensar e um recetor, ainda, que é a nossa filha! A nossa casa, tem continuação aqui, porque a nossa equipa acaba por ser também uma grande família. Não existe nas nossas vidas essa distinção clássica entre o pessoal e o profissional, nem temos propriamente um trabalho no sentido literal da palavra. Há acima de tudo, uma grande paixão pela investiga-

ção que fazemos e por querer fazer sempre mais e melhor. Sabemos que com isso ajudamos a desenhar coisas, que vão para além dos nossos destinos.

As vossas invenções já estão a ter impacto concreto na sociedade?

Na electrónica transparente, sim. Face ao nosso trabalho pioneiro nesta área, tivemos um contrato grande com a Samsung e já há computadores, tablets e telemóveis que a utilizam. A área da electrónica transparente tem também uma grande utilização nos mostradores, especialmente mostradores de alta resolução. Também já há produtos no mercado com esta tecnologia à base de óxidos metálicos. Esta atividade, reconhecida pela outra, que mostra como podemos criar tecnologia a partir das ideias, como prova o prémio Horizon Impact Award 2020, pelo projeto que iniciei como uma ideia, suportado por uma bolsa avançada do ERC em 2008.

E o transistor de papel?

Na área do transistor de papel, não há ainda produtos a serem comercializados, contudo, há um grande movimento a nível europeu que também é acompanhado por um movimento a nível nacional nesse sentido. Aqui, somos os fundadores do laboratório colaborativo AlmaScience, que irá fazer a ponte para o mercado de todas as ideias que ajudamos a construir com a eletrónica de papel. Aqui, quero mencionar que o que nos moveu foi



O investimento na ciência é curto, deve aumentar (...) O Orçamento do Estado tem que ser bem negociado, pois a ciência é um dos pilares fundamentais para o futuro do país

pensarmos uma tecnologia verde que contribuísse para a nossa sustentabilidade! Por isso, registamos mundialmente, há mais de 14 anos a marca “paper-e the green electronics for the future”... Isto é imaginamos o que o futuro poderia ser...

Pode explicar do que se trata?

O problema da descarbonização e a necessidade de termos cada vez mais que utilizar embalagens de papel em substituição dos plásticos de origem fóssil ou criar plataformas inteligentes facilmente recicláveis, com base em materiais abundantes e fáceis de reciclar. Foi o criar uma estrutura que pudesse servir de ponte entre o que a universidade cria, em termos de inovação e as necessidades de mercado, para aplicações tão diversas, como da segurança (de componentes e alimentar), saúde e interfaces de comunicação de baixo custo e autónomas, em termos energéticos que levou à constituição do laboratório colaborativo AlmaScience.

Quem são os vossos parceiros?

Este laboratório é coordenado por uma empresa com a qual nós já trabalhávamos e que tem muito interesse nestas áreas: a Imprensa Nacional Casa da Moeda e integra também a Fraunhofer Portugal, a Navigator, empresa da área do papel número um em Portugal, o laboratório de análises clínicas Clara Saúde e a Raiz, que é um centro de investigação também relacionado com a área do papel, a que se associaram recentemente outras empresas. Basicamente o que se está a tentar fazer é criar junto das empresas, não só a nível nacional como a nível internacional, aplicações sustentáveis na área do papel/celulose e dos materiais de origem renovável que cubram diferentes sectores, nomeadamente da saúde, energia e das tecnologias de informação e comunicação.

O que inventaram foi patenteado?

Sim. Na área da electrónica transparente, somos inventores, mas a patente é da Samsung, empresa com a qual trabalhamos. Foi há mais de 10 anos... o nosso país ainda está a aprender a trabalhar na

área das patentes e tem de suportar mais esta área. As patentes têm custos muito elevados e não há em Portugal nem nas instituições mecanismos de financiamento, nem depois, para a devida exploração das mesmas. Sabemos que as patentes são um dos mais importantes indicadores de inovação tecnológica, mas não está a ser acarinhado pelo país. A nossa invenção na área do papel está salvaguardada e é perença da Universidade Nova de Lisboa, muito embora todos os custos tenham sido e estejam a ser suportados por nós.

Portugal tem de facto dificuldade em gerar riqueza a partir do conhecimento produzido na academia. Os laboratórios colaborativos criados pelo ministro Manuel Heitor vão permitir desatar esse nó? São o caminho para a criação de riqueza?

São um caminho, não o único, mas um dos caminhos que pensamos poder vir a dinamizar e a preencher um vazio que existe: a efetiva ligação da academia ao que a indústria de futuro pretende e ser uma porta aberta para a prosperidade. Infelizmente, ainda observamos um desfasamento e uma separação grandes entre a academia e a indústria, o que torna necessária a existência de mecanismos “top down” (de cima para baixo), nomeadamente ao nível das políticas públicas. Os laboratórios colaborativos foram uma excelente iniciativa para aproximar estes dois mundos e fazê-los trabalhar e partilhar em conjunto uma visão comum de prosperidade para o país que impacte em todos nós.

O Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) é uma oportunidade para a ciência em Portugal?

Portugal tem, neste momento, um pacote financeiro como nunca: o PRR, os fundos do Programa Horizonte Europa e vai ter os fundos estruturais através do PT 2030. Até morrer, eu e muita gente no país, não vai conhecer um período tão rico de oportunidades, com tantas fontes de financiamento em simultâneo, como agora. É uma oportunidade imensa a todos os níveis e





Cristina Bernardo

em particular para catapultar a economia de Portugal.

Um catalisador de mudança?

Nos últimos tempos não tenho feito outra coisa a não ser falar com empresas, muitas das quais desconhecia, não sabia o que faziam, nem que queriam fazer coisas que eu também não conhecia. O mesmo acontece do lado das empresas, que não sabiam que as universidades estavam equipadas como estão, que possuíam uma riqueza tecnológica, infraestruturas laboratoriais altamente competitivas, para além do conhecimento criativo que as norteia. A conclusão a que chego é que, independentemente do resultado dos grandes projetos que vierem a ser financiados pelo PRR na economia, só o facto das universidades e das empresas terem sido forçadas a elaborar propostas de projetos em conjunto, já é um ganho extraordinário. Os projetos são apresentados e coordenados por empresas, mas é condição de elegibilidade que os centros de investigação, as universidades façam parte dos consórcios e que se tenha o enfoque na dimensão nacional. Este ponto acho relevante para puxarmos todos, para o mesmo nível de exigência e os mesmos níveis de enriquecimento científico e tecnológico que perdurarão, para além do PRR como estou profundamente convencida.

Que papel atribui ao Prémio de Investigação Colaborativa Santander NOVA?

É um prémio já com alguma tradição. As candidaturas desta 14.ª edição fecharam, a equipa está selecionada e a sua divulgação será anunciada no dia do Science Day da Universidade Nova de Lisboa. Esta iniciativa, que criamos há quatro anos, tem por objetivo criar sinergias entre as várias áreas existentes nas nove unidades orgânicas da NOVA, que estando fisicamente separadas, por vezes é mais difícil promover conversas, e por outro lado, porque a inovação cada vez mais surge do cruzamento de diferentes áreas científicas. É uma forma muito importante de se provar que a multidisciplinaridade é essencial para a alavancagem do saber, com um impacto e efeito multiplicativos.

O que faz deste, um prémio diferenciador?

A sua natureza. Fomenta a investigação colaborativa entre jovens investigadores da NOVA, promove sinergias entre diferentes escolas da Universidade e impulsiona o cruzamento entre diferentes áreas científicas. A equipa tem de incluir, pelo menos, duas escolas. O valor do prémio é de 15 mil euros, gostaríamos que fosse mais, e funciona como uma semente para projetos futuros, tendo inclusivamente alguns deles já dado origem a projetos financiados pelo Conselho Europeu de Investigação.

Como trata Portugal a ciência, hoje em dia?

Está a tratar melhor do que no passado, mas precisa tratar ainda mais. O investimento na ciência é curto,

deve aumentar. Há uma meta concreta estabelecida por este Governo: duplicar até 2030, o atual montante do investimento que ronda 1,5% do PIB. Espero que os fundos do PRR deem um contributo sólido, mas também que o Governo aumente o financiamento por via do Orçamento do Estado. O OE tem que ser bem negociado, pois a ciência é um dos pilares fundamentais para o futuro do país. Por vezes não é só o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Há que envolver ainda mais os outros ministérios como é o caso do da Economia, Saúde e Ambiente, só para dar um exemplo. Da mesma forma que a ciência hoje em dia não está compartimentada, o mesmo deve acontecer a nível dos vários ministérios, a ciência hoje acaba por estar presente de uma forma mais transversal, cruzando interesses e opções que são estruturantes e marcantes, para o futuro do país. Se houver convergência de programas há com certeza mais financiamento e acima de tudo uma otimização e partilha de recursos, que são sempre escassos. Isto é, usamos melhor os recursos e os ganhos serão obviamente bem maiores. Por isso, é importante investir em ciência e mudar a nossa mentalidade. Para isso é importante que o cidadão saiba também o que a ciência está a criar e que benefício terá.

O Presidente do Técnico Rogério Colaço tem defendido uma maior autonomia para as universidades no sentido de as libertar da asfixia das normas que as tratam da mesma forma de tudo o resto que está na esfera do Estado. Concorda?

Absolutamente. O maior estrangulamento que eu vejo na área da ciência é mesmo a burocracia. Comprar um equipamento científico para um laboratório como um microscópio tem uma carga burocrática tão grande como a que é exigida para fazer um hospital ou construir uma ponte. Isto faz sentido? Não. Deveriam existir regras para tudo o que é investigação científica diferentes das outras atividades que são financiadas pelo Estado. Se não conseguir publicar um artigo, fazer uma experiência, executar um projeto no tempo que tenho, há um chinês, um japonês ou um americano que o consegue fazer mais rapidamente, além de ter muito mais financiamento e recursos. A carga burocrática é tão demolidora que, talvez, até, preferisse ter menos dinheiro, mas que a burocracia fosse mais ligeira... no final todos ganhávamos. Isto repercute-se, por isso a desburocratização que advogo deve atingir todos os alicerces de desenvolvimento do país.

Existe solução?

Sim, embora não seja fácil admito, mas com vontade e neste caso muita vontade política, de todos, resolve-se. Costumo dizer que só não há solução para a morte, por enquanto. Não há mais de um ano, eu própria, o professor António Cunha, que foi reitor da Universidade do Minho, e é, neste momento, presidente da CCDDR-N e o professor José Manuel Mendonça, presidente

do INESC-TEC, identificamos estes problemas e fizemos um documento que apresenta soluções para a simplificação relacionada com a contratação pública. Propomos um "simplex para a ciência" - sei que uma parte está a tentar ser incorporada, mas há uma máquina administrativa enorme que é muito difícil de mudar. A simplificação deve ser feita a dois níveis: na própria simplificação dos processos de candidatura e depois na execução dos projetos.

Uma proposta concreta?

Este trabalho está feito e na posse do Governo, só há que o implementar e, neste momento, nem é por falta de dinheiro porque o vamos ter. Também não é uma coisa à revelia, porque as soluções foram identificadas de comum acordo com os organismos financiadores, que são, no fundo, os que controlam estas regras burocráticas.

A burocracia pode matar projetos que sejam aprovados para financiamento do PRR?

Pode e estamos preocupados com isso. Os projetos aprovados no âmbito do PRR têm que estar executados até 2025. A manterem-se as atuais regras burocráticas não vamos conseguir executá-los num prazo de tempo tão curto.

Como se sai desse círculo vicioso?

É preciso acima de tudo muita vontade política. Acredito que o próprio PRR venha a ser uma oportunidade para o "simplex na ciência e para o país" que propomos. Se não o for, somos todos incompetentes, não vai ser por falta de financiamento.

Em traços gerais, o que é o seu laboratório?

É um laboratório associado composto por dois centros de investigação, os Materiais da Universidade Nova e a Física dos Materiais da Universidade de Aveiro. Tem, no total, mais de 200 pessoas, repartidas numa base de 50-50% por cada instituição, muitos são jovens alunos de mestrado e de doutoramento. Nos últimos cinco anos passaram pelo laboratório pessoas de 20 nacionalidades, das quais algumas ficaram como docentes e investigadores. É evidente que a massa crítica é muito importante, mas costumo dizer que não quero o maior laboratório do mundo, quero acima de tudo o melhor laboratório do mundo.

O sonho do presidente do Técnico é termos um dia um Prémio Nobel em Portugal na área das Ciências, da Física, da Astrofísica... do Técnico. E o seu?

Junto o meu desejo ao do Professor Rogério Colaço, que é engenheiro de materiais como eu e meu amigo, mas preferia que o prémio viesse para a Universidade Nova!... Acima de tudo desejo que venha para Portugal. Ficarei extremamente contente se e quando isso acontecer. ■

*A versão integral pode ser lida em www.jornaleconomico.pt



JOVENS EMPREENDEDORES

European Innovation Academy regressa em 2022 à versão presencial

A versão online deste ano atingiu os objetivos propostos e uma parte dos instrumentos criados para a suportar vão continuar ativos: afinal, é a inovação digital que faz correr a academia.

ANTÓNIO FREITAS DE SOUSA
afsousa@jornaleconomico.pt

A European Innovation Academy, o maior programa de verão líder na formação para o empreendedorismo focado na inovação digital, fechou oficialmente a sua EIA Global 2021 e prepara o regresso à opção presencial. Num contexto em que 2020 trouxe mudanças notáveis, nomeadamente a perda da oportunidade de viajar, de estudar no exterior e conhecer pessoas cara-a-cara – a organização considera ter atingido os objetivos que se propôs. A Academia decidiu que a educação da próxima geração não podia parar por causa da pandemia e, com a ajuda dos seus parceiros (o município de Cascais, a Universidade Nova de Lisboa, a Santander Universidades e a BETA-i), lançou-se com determinação na organização da EIA Global 2021.

“É o primeiro programa de empreendedorismo virtual do mundo, que conseguiu reunir durante três semanas estudantes de todo o mundo para começarem os seus próprios projetos”, refere oficialmente a organização. Foram 350

alunos (dos quais 140 portugueses) que trabalham em 70 startups diferentes, oriundos de 60 países diferentes e de 40 universidades de todo o mundo que encontraram – por certo de forma que os surpreendeu – um ponto de encontro (virtual, é certo) onde puderam partilhar experiências, absorver conhecimentos e principalmente não deixar a formação em stand by por tempo indeterminado.

Os participantes passaram por uma jornada de 15 dias para chegar à fase final – tem do começo com a criação de uma equipa internacional reunida em torno de uma ideia. Tiveram que construir um protótipo e uma primeira campanha de marketing para lançar o seu produto no mercado global e, talvez a parte mais difícil, tiveram de enfrentar os investidores.

Foram cinco as equipas que chegaram à fase de ‘embate’ com os investidores – e todas elas tiveram a participação de portugueses. Eis as que chegaram aí (e os nomes dos portugueses envolvidos: Culture Kit (Filipe Pessoa, Universidade de Coimbra e Catarina Ribeiro, IST); Protosyn (Tiago Gil, ISEL, José Pereira, Universidade de Aveiro, e Hugo Sales, Universida-

de do Porto); Diagnostic Toys (Hugo Jorge, ISEL, Carolina Capela, IST, e João Gomes, Universidade do Porto); Genius Caps (Gabriel Figueiredo, IST, Ana Rita Vieira, Universidade do Porto e Isabel Costa, Universidade do Porto); e Wellness Wonders (Petra Guimarães, Universidade do Porto e Maya Almeida, Universidade dos Açores). Genius Caps, Protosyn e Culture Kit foram os três projetos que acabaram por merecer a distinção do júri.

O Banco Santander afirmou-se como um dos grandes promotores da iniciativa, ao abrir candidaturas para a atribuição de 168 bolsas para estudantes das 21 universidades que mantêm convénios com a instituição.

Com o auxílio de cerca de 50 mentores, a organização pretende transportar os participantes para um universo o mais próximo possível da realidade. A forma de o fazer é aparentemente simples: cada equipa tem de estabelecer uma ideia, qualquer ideia, a partir da qual deve organizar uma espécie de master plan que sirva de esteio à sua concretização. Desde logo, a ideia inicial é suposto ser revertível para um conceito de negócios – sob

pena de servir de pouco. O que está à prova é a capacidade de transformar uma boa ideia num negócio – e perceber-se que uma boa ideia não chega: o segredo está no encontrar de uma ideia ‘vendável’.

Regresso ao presencial

O tempo é agora de regressar aos encontros presenciais e fazer voltar o programa aos seus moldes tradicionais. A próxima edição, a de 2022 – que deverá desta vez decorrer na cidade do Porto – já voltará a ser presencial (se nada de muito mau se passar na frente pandémica), permitindo que a experiência seja mais eficaz e impressiva.

Mas, como sucede um pouco por todo o mundo académico, a versão digital não será de todo um desperdício. Uma parte dos instrumentos que serviram para a edição online não só não perderam atualidade, como constituem um suporte que pode ser usado com grande vantagem nas edições presenciais. A versatilidade deste material é também uma imersão no universo que a EIA quer explorar. O objetivo é o de, até 2025, educar para a inovação digital cerca de um milhão de alunos. ■

O objetivo da European Innovation Academy é o de, até 2025, educar para a inovação digital cerca de um milhão de alunos

Hugo Jorge

“Senti que seria a oportunidade ideal para me pôr à prova”

Não parecia, mas a oportunidade chegou na altura certa. Hugo Jorge frequentava o último semestre de Engenharia Biomédica no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa quando soube da bolsa para a European Innovation Academy (EIA). Assoberbado pela quantidade de tarefas que tinha em mãos para concluir a licenciatura no prazo estipulado, ainda equacionou o “se”, mas por pouco tempo. As vantagens eram evidentes. “Seria um complemento fulcral no meu processo de educação”, salienta ao JE Universidades. “Senti que seria a oportunidade ideal para pôr à prova o carácter empreendedor com que sempre me identifiquei”. Com determinação preencheu o formulário e submeteu-o. Foi assim que um tanto ou quanto inesperadamente, dá por ele no grupo dos 20 concorrentes com as médias de curso mais elevadas e um novo capítulo se abre na sua vida. Passa a reservar três horas e meia por dia (das 17h00 às) exclusivamente às novas atividades: aprender com os vídeos educacionais, participar nas reuniões com o resto da minha equipa e com os mentores, executar as tarefas relacionadas com os conceitos introduzidos e planear a estratégia a adotar nos dias seguintes. “Todo este processo acabou por ser uma das formas mais acertadas de ter um primeiro contacto com a realidade do mercado de trabalho, já que no



fundo se trata de uma simulação, não obstante os seus contornos pouco fictícios”, explica. A experiência acabou por moldar a forma como encara os mercados, mas

também grande parte da dinâmica que os antecede. Além disso, as áreas que explorou para a conceção da ideia, também pesaram na decisão de fazer um mestrado numa área

diferente daquela que vinha a magiar. Tudo somado, a bolsa EIA terá um impacto “significativo”, no percurso académico e profissional de Hugo Jorge. ■ AR

Breves

Investigadora Luisa Massarani assume Cátedra na NOVA FCSH



A Cátedra Santander de Ciências Sociais e Humanas tem novo rosto: Luisa Massarani. A conferência inaugural, primeiro ato da professora na FCH, teve como tema “Divulgação científica na América Latina: um panorama e alguns desafios” e coincidiu com o 10.º aniversário do mestrado em Comunicação de Ciência, o mais antigo curso do género existente em Portugal. Especialista na área da Comunicação de Ciência, Luísa Massarani é uma voz prestigiada em toda a América Latina, somando dezenas de artigos científicos e participações em projetos de investigação e de divulgação de ciência na região. Atualmente, coordena o Instituto Nacional de Comunicação Pública em Ciência e Tecnologia, sediado na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Brasil, que reúne cerca de 120 investigadores de vários países. Durante os cinco meses em Lisboa, proferirá conferências abertas à comunidade da Universidade NOVA e organizará um curso de comunicação de ciência, entre muitas outras iniciativas.

“Banco da Educação” apoia alunos do ensino superior nas matrículas

O Santander marca presença desde 26 de setembro, primeiro dia das matrículas, em 30 dos principais estabelecimentos de ensino superior do país. Cerca de 150 colaboradores do banco estão disponíveis para ajudar os alunos a dar os primeiros passos no processo da inscrição universitária e, de caminho, apresentarem as vantagens de pertencer às redes Santander e do seu mecenato, o Santander Universidades. Para dar as boas-vindas aos jovens que iniciam a vida universitária e decidem abrir em simultâneo uma conta Santander, aquele que se assume como o “banco da Educação” criou a Campanha de Matrículas 2021/2022 no âmbito da qual faz a oferta especial de 10 euros em cada conta aberta. Também oferece vantagens em parceiros seus de interesse para os universitários, caso de lojas de artigos tecnológicos, trajes académicos e a rede de transportes Expresso.

TALENTO

Catarina é a primeira entre os pares

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Eis um nome a reter: Catarina Adegas Ferreira. A jovem formada em Gestão e Administração de Empresas pela Católica Lisbon, com o mestrado em Gestão Internacional da Nova SBE destacou-se entre uma centena de candidatos, passando com distinção o apertado crivo das provas de seleção e sagrando-se vencedora da 17.ª edição do Prémio Primus Inter Pares.

Catarina lidera agora a lista dos nomes mais promissores do país nas áreas de Gestão de Empresas, Economia ou Engenharia, que inclui Álvaro Samagaio, portador do mestrado integrado em Bioengenharia da FEUP, Universidade do Porto, segundo lugar do Prémio, e Manuel Pereira Leite, do mestrado integrado em Engenharia Mecânica



do Técnico, terceiro. Os três jovens ganharam a oportunidade de fazer um MBA numa das seis melhores escolas de negócios da Pensínsula Ibérica à sua escolha: IESE, em Barcelona, IE Business School, em Madrid, The Lisbon MBA, que junta a Católica-Lisbon e a Nova SBE, ISCTE, ISEG e Porto Business School.

O júri, composto por Francisco Pinto Balsemão, Pedro Castro e Almeida, Estela Barbot, Raquel Seabra e Miguel Poiães Maduro, atribuiu o quarto lugar ex-aequo a Bernardo Falcão, que concluiu o mestrado em Finanças, na Católica-Lisbon, e António Ventosa mestre na mesma área mas pela Bocconi University em Milão. Ganham uma pós-graduação.

O Primus Inter Pares, criado pelo Santander em Portugal com o Expresso, visa contribuir para uma cultura de profissionalismo e excelência na gestão de empresas. ■

EMPREENDEDORISMO

Data Challenge tem 75 mil euros em prémios para distribuir

O programa tem seis parceiros empresariais que colocam 20 desafios em seis áreas distintas. Objetivo é a promoção de soluções para gestão, valorização e segurança de dados da indústria e as candidaturas terminam a 3 de outubro.

RICARDO SANTOS FERREIRA
rsferreira@jornaleconomico.pt

O programa Data Challenge para promoção de ideias de negócio focadas em resolver os desafios de gestão, valorização e segurança de dados da indústria, organizado pelo UPTEC — Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto e pelo UC Business da Universidade de Coimbra e promovido pelo Santander Universidades, tem 75 mil euros em prémios para distribuir e encerra o período de candidaturas a 3 de outubro.

Trata-se de um programa focado nos dados e tem como destinatários estudantes, investigadores e recém-licenciados das áreas de humanidades, artes, ciências e engenharias de todas as universidades e institutos politécnicos do país. “É um programa muito abrangente e transversal, uma vez que apresenta desafios em temas como sustentabilidade, tecnologia ou marketing. Por isso, não se destina apenas a estudantes das áreas mais tecnológicas, mas sim a todos os que tiveram uma solução numa das seis áreas do programa”, explica ao Jornal Económico Maria Oliveira, diretora de Negócio da UPTEC. “Esta transversalidade e a possibilidade de colaboração direta com a indústria é um fator determinante para a boa aceitação que o programa tem tido”, acrescenta. Pode participar-se no Data Challenge através da construção de uma resposta a um dos 20 desafios que os



Reuters

tes e, assim, potencia a criação de negócios centrados em dados”. A oportunidade de interagir com as empresas parceiras e contribuir para a resolução de desafios reais da indústria é, aqui, determinante. “O principal objetivo é que os estudantes adquiram competências complementares e conhecimento sobre a realidade empresarial, assim como fomentar o empreendedorismo e a vontade de criação de projetos de negócio”, diz Maria Oliveira. “A ligação entre o ensino e a indústria é um fator essencial para a inovação”, acrescenta.

A 13 de outubro, serão conhecidos os selecionados para o Data Challenge, iniciando-se o programa a 20 de outubro. Os participantes terão acesso “sessões com participação das empresas e startups para partilha de use cases na captação e utilização de dados”, a “sessões temáticas com experts dos parceiros académicos e relacionadas com a temática”, que serão também abertas ao público, de “feedback em grupo da parte dos mentores” e, ainda, a “sessões dedicadas ao desenvolvimento da proposta de valor e estrutura do pitch”.

Além de um prémio de 2.500 euros, o vencedor de cada uma das áreas beneficiará da incubação do seu projeto, por quatro meses, numa das estruturas parceiras e a uma formação em inteligência artificial da I2A2 – Institut d’Intelligence Artificielle Appliquée, no valor de 10 mil euros. O evento final será a 16 de dezembro. ■



Maria Oliveira
Diretora de Negócio da UPTEC

parceiros empresariais do programa, em seis diferentes áreas: telecomunicações (desafios propostos pela Altice Labs), indústria farmacêutica (desafios da Bluepharma), edifícios inteligentes (pela Bosch Intelligent Buildings), comércio eletrónico (Prozis), banca/seguros (Santander) e cadeia de abastecimento (Sogrape). Conta, também, com o apoio de sete parceiros académicos.

Os participantes podem procurar, também, beneficiar de um “wild card”, apresentando “ideias

associadas às seis áreas dos parceiros empresariais, ainda que não respondam a nenhum dos desafios”, explicam os promotores.

Maria Oliveira explica que o Data Challenge nasce de um desafio lançado pelo Santander Universidades à UPTEC e à UC Business para que criassem um programa que pudesse “aliar educação, empreendedorismo e empregabilidade”. “Em resposta, desenvolvemos um programa gratuito – com seis parceiros empresariais – que aproxima a indústria dos estudan-

INOVAÇÃO NA SUSTENTABILIDADE

NOVA ImpACT Challenge entra na fase de seleção

A segunda edição do NOVA impACT! Challenges, o programa promovido pela Universidade Nova para procurar contributos para responder aos desafios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas, está já em andamento e entrou na fase de seleção das ideias propostas.

O programa foi criado em 2021, em plena pandemia, e tem como lema “melhorando a sociedade hoje e no futuro”.

“A pandemia veio realçar ainda mais a importância da inovação e do empreendedorismo social na obtenção de respostas inovadoras

pelo seu potencial de impacto e sustentabilidade”, diz ao Jornal Económico (JE) Hélder Lopes, responsável pelo NOVA Impact Office.

O NOVA impACT! Challenges conta com o apoio do Santander Universidades destina-se a qualquer empreendedor que faça parte da comunidade académica, independentemente da universidade.

O período de receção de candidaturas terminou a 29 de setembro e, agora, sucede-lhe o período de seleção das melhores soluções. Um júri vai escolher as 10 melhores ideias submetidas pelas equipas (constituídas por dois a cinco ele-



Hélder Lopes
Head of NOVA Impact Office da Universidade Nova de Lisboa

mentos) que contribuam para solucionar problemas relevantes a nível social e ambiental, “desde a promoção da inclusão social e do bem-estar físico e mental, à redução das desigualdades sociais e à promoção da recuperação económica de forma sustentável”, referem os promotores.

As soluções podem ser variadas, incluindo aplicações, ferramentas informáticas, dispositivos físicos ou um plano de negócios. Têm é que estar alinhadas com pelo menos um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

De 11 outubro a 5 de novembro,

os candidatos selecionados terão acesso a workshops, com foco nas atividades a desenvolver, contarão com mentoria especializada e recursos da organização para desenvolverem uma prova de conceito ou um protótipo. Todas as equipas selecionadas ficam automaticamente habilitadas a receber 500 euros para apoio ao desenvolvimento da prova de conceito.

O NOVA impACT! Challenges terminará com a apresentação das soluções desenvolvidas em formato de pitch, no “Demo Day”, sendo avaliadas por um painel de especialistas. O melhor projeto receberá um prémio de dois mil euros. ■